



# Algo de novo no horizonte

Leandro Rodrigues Alves Diniz  
Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
Editor-chefe da Revista Interfaces  
leandroradiniz@gmail.com

Difícil não falar das cicatrizes. Elas continuam abertas, e os movimentos diários para aumentá-las não cessam. Mas algo de novo está por aí. Titubeamos em afirmar isso. Afinal, uma nova variante nos ronda, e aqueles/as que lutam do mesmo lado que o vírus seguem no poder, implementando suas políticas cotidianas de destruição. Apesar disso, hoje podemos retomar alguns pequenos prazeres cotidianos, graças aos/às cientistas e àqueles/as que tanto lutaram e lutam contra o vírus e a política deliberada de extermínio e destruição. Também observamos os sinais de desespero dos que, ainda que muito tardiamente, veem seus projetos de poder esfacelar. E, assim, sob nossas máscaras, começamos a ensaiar sorrisos, ainda que tímidos.

É por isso que, ecoando Emicida, este editorial não deseja tratar das cicatrizes. Não porque devemos dissimular sua existência, porque devemos esquecê-las, mas porque “Elas são coadjuvantes / Não, melhor, figurantes / Que nem devia tá aqui”. Inspirado em *AmarElo*, do rapper paulistano, o texto que abre este volume da *Interfaces – Revista de Extensão da UFMG* é, então, sobre *vivências*, e não sobre *sobrevivências*. E as vivências que se dão em nossas universidades públicas e em outras prestigiadas instituições de ciência e tecnologia, apesar dos fortes golpes que essas têm sofrido nos últimos tempos, são ímpares. Vivências que, a partir do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, formam profissionais comprometidos/as com a mudança, promovem direitos, fazem face às mazelas que historicamente marcam nossa sociedade, fortalecem a democracia e constroem um mundo mais equânime.

O primeiro artigo da presente edição da *Interfaces*, de autoria da Pró-Reitora de Extensão da UFMG, a Profa. Dra. Claudia Mayorga, discute, justamente, entre outras questões, as possibilidades de fortalecimento dessas vivências por meio da integralização da extensão nos currículos de graduação. Os demais textos focalizam vivências extensionistas em diferentes áreas do conhecimento: Bioeconomia, Odontologia, Psicologia, Educação em Saúde, Geriatria, Educação Física, Arquitetura, Parasitose, Cinema e Audiovisual, Engenharia de Transportes. Desenvolvidas em variados espaços, tais experiências resultam de/em frutíferas trocas com atores/as das comunidades externas, entre os/as quais estão: participantes de eventos de extensão presenciais ou remotos; pacientes com quadros graves de saúde bucal; estudantes do Ensino Fundamental e Médio; crianças e adolescentes com problemas de aprendizagem encaminhados para um ambulatório hospitalar; jovens autores/atrizes de atos infracionais; idosos/as; indígenas.

Tais textos sinalizam que, se as cicatrizes são profundas, a resistência é forte, e, pelo coletivo, faz, pouco a pouco, algo de novo despontar no horizonte. Que a leitura desta nova edição contribua para o fortalecimento dessa certeza. Como prenuncia Emicida, "Tenho sangrado demais / Tenho chorado pra cachorro / Ano passado eu morri / Mas esse ano eu não morro".